



O Concílio Vaticano II

1.1.1962

Em 25 de Janeiro de 1959, ao conhecer a notícia da convocatória do Concílio, o fundador do Opus Dei manifestou a sua alegria e esperança, e começou a rezar e a pedir orações “pelo feliz sucesso desta grande iniciativa que é o Concílio Ecuménico”.

Alguns dos membros do Opus Dei participaram activamente nos trabalhos conciliares, entre os quais [D. Álvaro del Portillo](#). Durante as diversas sessões daquela magna assembleia eclesial, que se revelou um novo Pentecostes para a Igreja, muitos Padres conciliares conversaram com o fundador para conhecer o seu parecer sobre algumas das questões que se tratavam na Aula.

Quando se publicaram os documentos conciliares, São Josemaria encheu-se de alegria: “Uma das minhas maiores alegrias foi ver como o Concílio Vaticano II proclamou com grande clareza a vocação divina do laicado. Sem jactância alguma, devo dizer que, pelo que se refere ao nosso espírito, o Concílio não significou um convite a mudar, antes, pelo contrário, confirmou o que, pela graça de Deus, vínhamos vivendo e ensinando há muitos anos. A principal característica do Opus Dei não são determinadas técnicas ou métodos de apostolado, nem umas estruturas determinadas; é um espírito que leva, precisamente, a santificar o trabalho de cada dia».

O chamamento universal à santidade

Torna-se fácil imaginar o seu agradecimento ao Senhor ao ler estas afirmações da Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*: “Todos os fiéis, seja qual for o seu estado ou situação social, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade, santidade esta que promove na própria sociedade terrena um teor de vida mais humano”.

Desde 1928, o chamamento universal à santidade tinha ocupado um lugar fulcral nos seus ensinamentos. “A santidade não é uma coisa para privilegiados – afirmava em 1930 -: o Senhor chama a todos, de todos espera amor: de todos, onde quer que se encontrem, de todos, qualquer que seja o seu estado, a sua

profissão ou ofício”.

Desde o início ensinara também que todos os fiéis cristãos têm “alma sacerdotal”, participam no sacerdócio de Cristo.

Em 11 de Março de 1940, escrevia aos membros do Opus Dei: “Com alma sacerdotal, fazendo da Santa Missa o centro da nossa vida interior, procuramos estar com Jesus, entre Deus e os homens”.

Por esse conjunto de razões, São Josemaria sentiu profunda alegria ao ler no decreto conciliar *Presbyterorum Ordinis*: “O Senhor Jesus tornou participante todo o seu corpo místico da unção do Espírito com que Ele mesmo foi ungido; n’Ele todos os fiéis são constituídos num sacerdócio santo e real, oferecem a Deus, por intermédio de Jesus Cristo, espirituais vítimas, e proclamam as virtudes d’Aquele que os chamou das trevas à sua luz admirável. Não há, pois, membro algum que não possua, na função de todo o Corpo, a sua missão particular, uma vez que cada um deve glorificar Jesus no seu coração e, em espírito de profecia, dar d’Ele testemunho”.

Vocação cristã, vocação para o apostolado

O Concílio vinha recordar que todos os fiéis são chamados, pela sua consagração baptismal, a realizar um intenso apostolado, “porque a vocação cristã, pela sua própria natureza, é também vocação para o apostolado”.

Durante o seu pontificado, o beato João XXIII tinha confiado ao Opus Dei a realização de uma actividade apostólica no Tiburtino, nessa altura um bairro periférico de Roma com inúmeras carências. Poucos anos depois, no dia 21 de Novembro de 1965, Paulo VI inaugurou o [Centro ELIS](#), estavam à sua espera o fundador e uma pequena multidão de pessoas do bairro. Ao ver tantas pessoas e aquele sonho tornado realidade, o Papa abraçou efusivamente São Josemaria, dizendo:

- Tudo aqui é Opus Dei.

No dia seguinte o fundador comentava: “Ontem, estava muito emocionado. Emocionei-me sempre: com Pio XII, com João XXIII e com Paulo VI, porque tenho fé”.